

# Coisas são mais que coisas: ex-votos no Círio em Belém-PA, expressividades e materialidades do sagrado

Anselmo do Amaral Paes(SIM/SECULT-PA)

## RESUMO

A expressividade e materialidade do sagrado é objetivo principal deste esforço de pesquisa, centrado no cosmos dos ex-votos (considerando práticas e lógicas) e segue estes artefatos durante a “paisagem devocional” da procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará. Durante a principal procissão, chamada Círio, os ex-votos são levados por devotos como pagamento de “promessas”. A ação de prometer, de compromisso e de diálogo, a perspectiva da obrigação mútua, insere-se na dramaticidade e densidade da produção de artefatos votivos que buscam expor os dramas que compõe a vida humana. Para compreender este evento criador investe-se teoricamente na busca de dissolver suas fronteiras - enquanto “objetos” e teoricamente, dialogando com concepções teóricas que permitem aproximação de sua materialidade e fenomenologia. Conclui-se que coisas são mais que coisas e os ex-votos expressam cosmos e, somente assim, podem ser compreendidos em sua complexidade e beleza.

Palavras-chave: *Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Ex-votos. Cultura material. Paisagem. Assemblage.*

## ABSTRACT

The expressiveness and materiality of the sacred is main goal of this research effort, centered in the cosmos of ex-votos (considering the practices and logics) and follows these artifacts during the "devotional landscape" of the procession of the Círio of Our Lady of Nazareth in Belém do Pará. During the main procession, called Círio, the ex-votes are taken by devotees as payment of "promises". The action of promise, of commitment and of dialogue, the prospect of mutual obligation, in drama and density production of votive artifacts that seek to expose the dramas that make up human life. To understand this event creator invests theoretically in search of dissolve its borders (as "objects" and theoretically), dialoguing with theoretical concepts that allow approximation of their materiality and phenomenology. It is

concluded that things are more than things and the ex-votos express cosmos and only in this way can be understood in its complexity and beauty.

Keywords: Círio of Our Lady of Nazareth. Ex-votos. Material culture. Landscape. Assemblage.

## 1. APRESENTAÇÃO

Os ex-votos são “artefatos-testemunhas”, “artefatos-orações”, “artefatos-performances”, neles se encontram as dimensões “materiais” e “imateriais” da crença de forma dramática, inseridas na paisagem da devoção do Círio (PAES, 2013). Como parte e etapa de um processo criador, a circulação de votos e ex-votos se dá no espaço urbano de Belém durante as procissões e festas devotas do Círio, no qual se destaca como “principal” a procissão do segundo domingo de outubro. A grande multidão (um rio de gente, expressão comum, imagem sempre repetida) que se reúne diante da Catedral da Sé, no centro histórico, ponto do início histórico da cidade, para o princípio da caminhada que levará a imagem da Santa e seus fiéis até a Basílica Santuário de Nazaré, no bairro de Nazaré. Este evento muda o “clima” da cidade. Podemos, assumindo esta direção, considerando os diálogos teóricos empreendidos neste artigo, analisar aspectos da materialidade do sagrado no complexo ritual do Círio de Nossa senhora de Nazaré em Belém do Grão Pará, em destaque o aspecto dos chamados ex-votos, como eixo expressivo de religiosidade popular no Brasil e na Amazônia.

Proponho, para que possamos seguir os ex-votos, refletir com auxílio de diálogos teóricos que apresentem abordagens que permitam a superação de dicotomias como sujeito-objeto, material-imaterial, indivíduo-paisagem, de forma a integrar as coisas nos fluxos da vida.

Como auxílio a esta apreensão, um dos diálogos propostos apresenta o paradigma fenomenológico para o estudo da cultura material religiosa. Morgan (2010a, 2010b) nos fala sobre a matéria da fé e propõe que é necessário atender a questão da crença e entendê-la sem negarmos seus termos somáticos ou materiais. Ou seja, ele argumenta que é necessário olhar para as estruturas materiais, de sentimento e de práticas que compõem a própria crença. Outra de nossas referências, para ampliar e compreender a materialidade do sagrado, inspira-se em Ingold (2000, 2011, 2012) em seu projeto amplo de reconsiderar as perspectivas dicotômicas frequentemente fundantes de nosso pensamento como paisagem/indivíduo, objeto/sujeito e humano/não-humano.

Em “*Being alive*”, Ingold (2011) tem apresentado reiteradamente sua concepção em apreender a experiência comum a todos os seres como organismos, não limitado às fronteiras de corpos, objetos, paisagens, invólucros com barreiras duras que impõem rupturas aos chamados que comporiam a vida. Em seu trabalho “*The perception of the environment*” (INGOLD, 2000) expõe percepção de ambiente ou paisagem, no qual contrapõe *landscape* a *taskscape*, operação que envolve a tarefa de não simplesmente pensar paisagem como envolvendo corpos e objetos, mas pensá-la como organismos-pessoas, em constante imersão, como condição essencial da existência (*dwelling*) (Idem, p.153), constituindo-os, ao mesmo tempo em que suas trajetórias os constituem, assim a ênfase é na ação e movimento.

Uma paisagem, em consonância com nossas intenções analíticas, é unidade coerente do visível, campo de percepção de todos os seres que a habitam, a constituem e são por ela constituídos, fenômeno complexo, não uma moldura, ou palco para inscrição da cultura, um mero substrato material para fluxos imateriais, mas fluxos e contra fluxos de um campo relacional que engloba o mundo (INGOLD, 2000; SILVEIRA, 2009; entre outros).

Mundo (MERLEAU-PONTY, 2006) em cujas materialidades e fluxos vitais pretendemos mergulhar, referindo-se a esta grande festa que é o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Grão Pará. De início devemos apontar que a mesma comemoração surge oficialmente, nos relata a história, de uma promessa (MAUÉS, 1995). Teria sido a promessa (*promissum*, voto) feita pelo então governador da província que teria iniciado a procissão. Este mesmo aspecto das trilhas das promessas e das dádivas a serem retribuídas estará presente quando relacionamos Nossa Senhora de Nazaré com o primeiro milagre concedido a Dom Fuás Roupinho, na vila marítima e pescadora de Nazaré em Portugal (COELHO, 1998). Interessante, já de antemão destacar, o Círio como parte da rede de dádivas e como fruto de uma dádiva concedida, ciclicamente renovada, pois este aspecto nem sempre reverteu para um estudo mais apurado do próprio ex-voto, sempre presente ao evento, mesmo contando com importantes e refinadas análises por parte da História e da Antropologia.

O Círio como evento mobilizador e expressivo da identidade religiosa amazônica e brasileira encontra seus primeiros esforços sob a ênfase de estudo científico a partir da década de setenta, com os estudos hoje considerados clássicos de Eidorfe Moreira (1971), autor da expressão descritiva “pororoca humana”, de Isidoro Alves (1980), que o descreve apropriando-se analiticamente da imagem do literato Benedito Nunes “carnaval devoto” para apresentar ordem e desordem, lúdico e sagrado em proximidade estrutural, e Heraldo Maués (1995), que o tendo como campo, o apresenta na “tensão constitutiva do catolicismo”, porém pesquisas específicas sobre os aspectos de sua cultura material ainda não receberam maior evidência,

exceção possível para o estudo de performance e ritual empreendido sobre a corda (SARÉ, 2005), este “artefato-ação”, todavia concentrando-se nos aspectos da performance e corporeidade.

Por sua vez, os ex-votos e votos surgem nas demais pesquisas como elementos secundários no universo da crença, não tendo merecido estudos etnográficos mais aprofundados, que os tivessem como elemento principal de diálogos. Estudos, porém, no âmbito da análise museológica e em leitura semiológica, apresentam-se em evidência, sendo necessário destacar João Oliveira (2007), que junto ao “Projeto Ex-Votos do Brasil” (2014). Destaque-se o pioneirismo desta aproximação, pois elevam estes artefatos da fé a objeto legítimo de reflexão acadêmica, trazendo à tona salas de milagres, antigos centros de peregrinação e pretendendo “dar voz” à crença popular nele expressa.

Estes estudos pioneiros no âmbito das Ciências da Comunicação e Museologia se destacam no relativo, ao menos aparente, esquecimento dos ex-votos pelas demais Ciências Sociais. Convém, todavia, refletir sobre a necessidade do esforço etnográfico em ampliar leituras e trazer referências que não os isolem de seu próprio processo existencial, limitando-se a torná-lo suporte de informações e comunicação, assim inadvertidamente esvaziando-o, tornando-os simples mediadores, investindo em interpretação que orientada por consideração de correspondência entre matéria e representação, imediata, lógica, mera operação da mente.

## 2. VOTOS E EX-VOTOS

Ex-votos são expressões da religiosidade popular que consistem em artefatos e performances apresentados como parte de um processo relacional entre devoto e o sagrado, manifesto em deuses, santos, espíritos, medidores especiais em retribuição e pagamento de pedidos atendidos. Este momento chamado ex-voto é, porém, parte de uma relação não linear e complexa chamada voto ou promessa, que surgem e apresentam a gratidão e o compromisso solene, íntimo e público, ato que vincula os envolvidos.

Dentre as referências do estudo da cultura popular dos ex-votos é interessante sempre reapresentar a perspectiva, centrada no caráter museológico, de Maria Augusta Machado da Silva (1981) que os destaca como “(...) prática desobrigatória posterior à graça ou mercê alcançada, como testemunho público contemporâneo, não só da força milagreira da divindade (ou seus agentes), mas também da gratidão do milagrado” (SILVA, 1981, p.17). O aspecto de divulgação encontra especial força em sua análise, assim amparando a percepção do artefato votivo como meio, suporte de uma mensagem pessoal que evidencia a relação quase íntima entre devoto e devocionado.

Alceu Maynard Araújo reserva verbete para apresentação do ex-voto ou “promessa”. A promessa afirma, é fórmula mágica, consubstanciada em forma de “(...) quadro, imagem, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, fita, mecha de cabelo etc. que se oferece e se expõe nas capelas, igrejas e salas de milagres em regozijo de graça alcançada” (ARAÚJO, 2007, p.154). Assim, além de enfatizar o artefato votivo, também o caracteriza em movimento mesmo quando os fixa em destino final ao marcar sua presença em estradas, cruzeiros e capelas pelo Brasil afora.

Porém, cabe aqui reflexão quanto à tendência “folclorizante” da análise ao situar sua produção à impotência contra o mais comum dos males que afligem o homem, a doença, entretanto vinculando sua permanência como prática às dificuldades econômicas que impedem a intervenção da ciência ou o acesso à ação médica, produto de falta de esclarecimento, desta maneira o ex-voto é meramente um efeito conjuntural (Idem, p.154).

Julgamos que esta análise de fato permite leitura de votos e ex-votos como capazes de apresentar a ação dos povos contra suas dificuldades, apresentar suas necessidades, anunciar respostas a perguntas presentes em seu cotidiano, porém seria insuficiente para compreendê-los, além da constatação de sua ampla distribuição tanto no campo, quanto em grandes cidades, tanto em classes mais carentes, quanto nas consideradas mais instruídas e abastadas, sendo que o pensamento “racional e científico” convive nos espíritos com o sentimento “mágico e religioso”. O mundo, enfim, comporta muitas explicações.

A ação de prometer, de compromisso e de diálogo, a perspectiva da obrigação mútua, insere-se na dramaticidade e densidade da produção de artefatos votivos, como argumenta sua vocação sensível e a apresentação do que chamaríamos de situações-limite, expõem publicamente, incluindo aspectos estéticos e imagéticos, os dramas que compõem a vida humana. Ex-voto (*ex-voto suscepto* - voto realizado) é artefato que se promete ao santo de devoção para se receber uma graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado. A prática não é exclusiva do mundo católico, pois se encontra generalizada, tendo registro desde a remota antiguidade. Os votos ou promessas (*promissum*) confundem-se como o próprio ato criador de prometer (CASCUDO, 2012, p.582-583).

Para o católico é contrato entre o fiel e a divindade via intermediação dos santos. Pela ação de prometer obtêm-se aquilo que o devoto julga não poder realizar por meio natural, apelando, então ao sobrenatural. Uma das características marcantes do Círio da capital é o grande número de fiéis que pagam, durante as procissões, promessas feitas à Santa, sobretudo na Procissão principal chamada de Círio, porém não se limitando a esta, havendo na atualidade uma grande variedade de oportunidades rituais para esta exposição da fé. Sendo comuns na paisagem do Círio artefatos como partes do corpo em cera, barcos, casas, frutas, potes de barro, ou qualquer outro objeto que represente o pedido feito à Santa.

Não se restringem os ex-votos a artefatos, mas a artefatos-ação como no caso das crianças vestidas de anjinhos que participam em cumprimento de promessas contraídas pelos pais em benefício próprio, das crianças ou mesmo de outros membros da família. A exposição dos artefatos votivos nas procissões pode ter dois significados: indicam que o pedido foi atendido e o fiel está pagando a promessa, configurando assim o ex-voto, ou que antes mesmo de receber o milagre ele já o está pagando, esperando, assim, uma intervenção futura da Santa, que se vê obrigada a tanto.

Como já dito as razões das promessas são as mais variadas: doenças, desemprego, questões amorosas, aquisição de um bem, enfim, uma infinidade de distúrbios e desordens para as quais o devoto acredita necessitar de intervenção divina para sua superação, sendo o sagrado capaz de restaurar a ordem ou justificar a desordem. Mesmo que o pagamento de promessas ocupe papel de destaque na procissão, muitos participam independente desta relação, sendo comum a participação, inclusive “indo na corda” (SARÉ, 2005). Sua presença é declaração de pertencer à Virgem, como um atestado público de fé, para que sejam “olhadas”, protegidas com certeza e continuadas.

Portanto, não se pode considerar o ex-voto sem considerar o voto, o ato criador de prometer, expressividade do mundo, celebração da saúde, riqueza, ou reflexão da vida que não se vive sozinha, cercado que estamos de anjos, deuses, agentes do maravilhoso. Não se pode considerar o voto sem lembrar-se do ordinário e do extraordinário da dor, da perda, da esperança de superação dos obstáculos da existência.

Diante do ex-voto e ao considerá-lo como aspecto da materialidade do sagrado e sendo este sagrado expressão coletiva da vida cotidiana é interessante vê-lo como parte do fluxo vital no qual cotidiano e excepcional, o especial e o ordinário já não servem como referências dicotômicas.

Nesta análise é o Círio de Nazaré que surge como evento no qual os artefatos votivos se apresentam, a “quinzena nazarena” que consiste oficial (e extraoficialmente) em procissões, festas, missas, eventos, encontros liminares nos quais todas as fronteiras demonstram-se vazadas, permeáveis ao trânsito constante. Momento excelente para refletirmos sobre a vida e sobre como as coisas do mundo circulam.

### **3. MATERIALIDADES DO SAGRADO, ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

David Morgan (2010a, 2010b), contribuindo com a linha de reflexão apresentada, quer enfatizar perspectiva de trabalhar crença e materialidade da religião, considerando que a religião

não consiste exclusivamente de razão e abstração, porém nas instâncias da vida material que desenha o mundo espiritual, pois: "(...) [t]he transcendence does not come to them as pure light or sublime sensations in most cases, but in the odor of musky shrines or moldering robes or the pantry where they pray" (MORGAN, 2010a, p. 8).

Em seu capítulo teórico chamado "Materiality, social analysis and studies of religion", Morgan (2010b, p.55-74) investe na fenomenologia do corpo e da consciência. Ele discute o que considera os temas principais no estudo da cultura material da religião: a) emoção, sentimento e sensação; b) personificação; espaço e ritual; c) desempenho e prática; e por último, d) estética. É evidente em sua análise que todos estes temas são baseados em experiência de corporal (corporeidade) dos sujeitos.

O objetivo do estudo da cultura material religiosa, a conjunção de estudos da religião e sobre cultura material, é incluir a materialidade no campo estudos sobre a crença e o sagrado. Apesar do importante trabalho nos últimos anos, a Sociologia e Antropologia das Religiões continuam a ser dominadas por abordagens que presumem abstrata a "crença", categoria central da religião, muitas vezes reduzindo a religião a um corpo de asserções que exigem parecer favorável. Práticas, sensações, emoções, espaços e coisas, quando eles são examinados, são vistos como meras manifestações secundárias ou passivas de crenças anteriores, internas e mais fundamentais.

Ora, a crença não está na "cabeça" das pessoas, mas vestida nelas, elas as habitam, a executam e as expressam e reconstituem cotidianamente por meio de performances e rituais (OLIVEIRA, A. 2011; MONTES, 2012; DAMATTA, 1986). Assim, os ex-votos nos permitem aproximação e compreensão do catolicismo popular ou devocional, dentro da perspectiva da complexidade e multiplicidade que marca a identidade religiosa e, especificamente, a identidade católica no Brasil, uma identidade barroca (MENEZES, 2008, MALUF, 2001).

O sentido de cada voto (e ex-voto) é, ao mesmo tempo, único e coletivo, tanto expressa o conjunto dos problemas e das aflições que marcam a trajetória do devoto, quanto questões comuns à experiência e sentidos referidos à coletividade, dos paraenses e dos brasileiros. Identificam-se na devoção elementos comuns à cultura nacional, tais como a religiosidade popular marcada por característica relação sagrado-profano, público-privado, junto ao culto dos santos, um misto de distância respeitosa e íntima familiaridade (MONTES, 2012).

Diz Damatta (1986) o voto é pacto que obriga ambos, devoto e objeto de devoção, em uma relação que supera a aparente contradição entre a experiência de profunda intimidade e a reverência respeitosa, no sentido de resolver o problema apresentado. Ao pedir e oferecer sacrifício, algo precioso eu obrigo a retribuir (MAUSS, 2003). Frequentemente o pagamento é feito antes mesmo de recebê-lo de forma a aumentar o poder de persuasão sobre o divino. Maria, mãe de Jesus, figura proeminente no cosmos católico, destaca-se

neste contexto, pois o imaginário de dores e perseguições a tornam a mediadora excelente para as inúmeras dores e aflições humanas.

Para tanto, devemos pensar na própria categoria “paisagem” e em como ela instrumentaliza nossa compreensão sobre o Círio e seus ex-votos. Na procissão vêem-se os promesseiros carregando ex-votos representando casas, barcos, animais, materiais de construção, os corpos e partes do corpo - esculpidas em cera, miriti, gesso ou em madeira, mostrando ao mesmo tempo os males e as alternativas encontradas para a resolução de seus problemas.

A paisagem devocional impõe tempos diversos, sobrepõem experiências espaciais e temporais e constrói-se sob a marca dos corpos, como dito, produzindo corpografias (JACQUES, 2009). Memórias dos corpos que se movimentam no cumprimento do voto e em performance realiza o ex-voto, o publicizando, ao pagar a promessa, apresentando o corpo curado para satisfação de homens e divindade, em uma relação que é literalmente “visceral” como é visto na corda, “artefato-ação”.

Isto considerado, para melhor compreendê-los é necessário pensar estes artefatos em conexão com sua paisagem e corporeidade. Os fluxos no emaranhado de nós vitais, como os considerados, requisitam que consideremos seu movimento, seus processos, segui-los tanto intelectual quanto fisicamente, pelo tecido da cidade, outro e, outro emaranhado em fluxo. Uma proposição que surge do esforço de pesquisa sobre os ex-votos é que estes consistem uma etapa de um processo ritual que envolve o voto e ex-votos em uma etapa de sua “biografia” (KAPYTOFF, 2011), porém, mesmo considerando a grande utilidade de traçar uma “biografia”, deve-se reconhecer que as coisas não apresentam uma trajetória óbvia e linear, pois não há de fato como achar um início, pois não se trata de linha, mas de rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 17-49).

Na abordagem, o conceito de rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 43) é modelo de realização, cujos elementos configuram territórios onde as relações são agenciadas (assemblage) e novas formas de significação são produzidas. Um sistema que se caracteriza por princípios de heterogeneidade, porém plenamente relacional, no qual todos os pontos são fundamentalmente (e necessariamente) interconectáveis, não apresentando nem pontos fixos, extremidades ou hierarquias (como veríamos em um sistema de raiz fasciculado ou numa estrutura lógica binária). O tipo de relação rizomática só se realiza no campo das multiplicidades, pois: “(...) tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’” (Idem, p. 48). O ex-voto, quando adotando essa perspectiva, produz “territórios-significados”, assim como um paralelo processo de “desterritorialização” (Idem, p. 25-26) (imagens 01).

A perspectiva de considerar a imagem, digamos, do rizoma tem como função permitir o abandono da expectativa de relações consolidadas em modelos quer sejam de dualidade, quer sejam de totalidade, enfim enfatizando a multiplicidade (e sua incompletude). Ora, esta

perspectiva está em consonância com o que será desenvolvido por Ingold (2011, 2012), pois, a vida atravessando coisas - pessoas, eventos, paisagens, apresenta-se como múltiplos fluxos, configurando estados em contínuo encadeamento de relações, e materiais, devires.

#### **4. CAMINHOS, FLUXOS E ASSEMBLAGE**

O campo de circulação dos ex-votos não se limita, nem ao universo do próprio catolicismo, nem se restringe à própria procissão do Círio. Por exemplo, quanto à área simbólica, os ex-votos estarão presentes igualmente nos espaços de expressão das devoções populares do “culto às almas” (MONTEIRO, 2012), em cemitérios e igrejas de Belém - partilhado com o universo cosmológico da umbanda. No que se refere à vida social dos artefatos, considerando a orientação apresentada por Kapytoff (2011), o esforço compreensivo sobre os ex-votos, considerados como etapa de um processo que se inicia com o voto/promessa, requisita que se registre etapas de suas trajetórias possíveis: como o local de origem, que pode ser uma loja de artigos religiosos, o momento posterior à procissão, e mesmo seu retorno ao universo “profano” como mercadoria.

Uma aproximação “biográfica” (KAPYTOFF, 2011) tem sido utilizada para, construindo a “carreira” do artefato, poder pensar-se estes em processo, verificando-se as mudanças de status que compõe a “biografia social” do mesmo, demonstrando que entidades culturalmente construídas são permanentemente classificadas e reclassificadas.

Cabe neste momento apresentar breve relato recebido sobre o poder permanente dos ex-votos, quando me referindo em diálogo com outros técnicos do Sistema Integrado de Museus (SIM/SECULT-PA), foi informalmente relatado de que um Secretário de Cultura, colecionador de arte, teria comprado uma placa votiva, um ex-voto pictórico, no qual estava representado o doente sendo curado pelo poder divino, sua representação apresentava o doente devoto com o abdômen “aberto”, indicando o lócus corporal do adoecimento. Em um momento posterior, o comprador, que o adquiriu enquanto mercadoria, assim como bem artístico, sofre acidente e se encontra adoecido (em sua própria consideração, nos foi relatado) na mesma área (abdômen, barriga). Ele teria, então, relatado à minha interlocutora, que logo após sua recuperação, este teria se “livrado o mais rápido possível” da placa pictórica. Este acreditava, conforme relato, que a placa votiva teria atraído o acontecimento e que teria se reproduzido exatamente como ele via na pintura. Ou seja, a transição entre sagrado e profano, patrimônio, mercadoria e instrumento mágico não se dá linearmente, mas sobrepõe, contrapõe e não necessariamente apresenta sucessão lógica e exclusiva. Este é ponto importante para que possamos bem utilizar a perspectiva apresentada por Kapytoff (2011).

Qualquer artefato pode ser transferido à esfera do ex-voto. Não são ex-votos, tornam-se ex-votos. Ao ponderar sobre os ex-votos, refletimos sobre os votos, ações que vinculam, transformam e acionam corpo e alma do devoto, modificam e constroem paisagens, produzindo um imaginário, materializando a memória.

Ao nos remeter a uma religiosidade popular e investir nas dimensões estéticas e lúdicas que contrapostas ao resistente logocentrismo de nossa sociedade (ESCARDÓ, 2013), expressando projetos de vida e expectativas sociais, assim como revelar dores, mazelas e necessidades no exercício de uma religiosidade popular (e suas profundas dimensões políticas) (DAMATTA, 1986), os ex-votos estão sempre apresentando novas “camadas”, requisitando novas aproximações. Não só ação ou função, mas reflexão, (re)apropriação do mundo. A atual consideração é da urgente necessidade de dissolver as fronteiras dos objetos ao considerar “corpo” e “paisagem”, de forma a nos aproximar destes artefatos em sua complexidade.

Ao pensarmos em cultura material e religião, é essencial que a concepção do “objeto” ensimesmado seja substituída por tessitura teórica na qual a fenomenologia dos artefatos culturais se destaque. Morgan (2010a) propõe compreensão da cultural material sob este aspecto: performance, corpo, espaço e coisa, as materialidades da fé.

Corpo, paisagem ou artefato não são invólucros fechados que se comunicam como outros corpos. Suas fronteiras são vazadas pelos fluxos da vida, chuva, cheiros, texturas, temperaturas, sons, são emaranhados vitais (ver imagens 1). Ingold (2012), por sua vez, busca afastar-se tanto das abordagens centradas nas pessoas e na subjetividade, assim como das abordagens centradas nos “objetos”, exatamente repensando-os como “coisas”. O processo que busca é inverso ao que aponta como representativo das abordagens sobre “objetos”, concentrados em aspectos funcionais, que sustenta a seu ver uma inadequada dicotomia entre as pessoas, coisas e mundo.



**Figura 1.** Fronteiras borradas. @Anselmo Paes, 2012-2013.<sup>1</sup>

Busca Ingold (2012), concepção ontológica que enfatize os processos de formação em oposição do objeto - produto final, fato consumado. Logo o mundo é composto por coisas - processo. Esta abordagem sobre as coisas está atenta para os processos de formação, aos fluxos e suas transformações. Coisas têm vida, percepção que é trabalhada enquanto “(...) capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar” (INGOLD, 2012, p.27).

Seu alerta é quanto à redução das “coisas” aos “objetos” e de sua correspondente retirada dos processos vitais, ou seja, não a materialidade, mas o fluxo de materiais (som, textura, atmosfera, líquidos, etc.). Seguir estes fluxos, trilhar os caminhos geradores, nos quais uma coisa é uma concentração destes fluxos, de linhas em uma malha que não conecta, mas aproxima-se e encontram outros fluxos vitais, estes emaranhados são, assim, momentos em fluxos. Propondo a compreensão do mundo e sua dinâmica, as “coisas” estão em fluxo, enquanto os “objetos” são autocontidos; o primeiro refere-se aos processos e o segundo oferece um resultado final; um apresenta-se como o encontro e um emaranhado de linhas de forças, o outro como produto do isolamento dos fluxos vitais; o primeiro é “vida”, o outro é “morte”.

Em contraste com os "objetos", as "coisas" não são uma “(...) entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem neles contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós” (INGOLD, 2012, p. 29) e é esta perspectiva que instrui o esforço de compreensão, do qual surge o método: seguir os processos – fluxos - ao evitar a distinção entre coisas e pessoas como fundamento analítico, a concepção de que ao invés de atentarmos para a “matéria” devemos pensar em um “mundo de materiais”, assim sugere que trazer objetos - de volta - à vida, indica inserir

<sup>1</sup>Em sentido da esquerda para direita e de cima para baixo: terço envolvido no devoto é sendo levado em caminhada. Onde começa e onde termina a fronteira de sua pele? Carro dos Milagres com representação do milagre de Dom Fuás Roupinho e menino entre os ex-votos; livros levados sobre a cabeça de devota; água sendo distribuída aos promesseiros na corda, outra prática votiva, esta não deixa ex-voto para posterior registro, mas compartilha das mesmas lógicas.

nós em um mundo em formação, mundo animado em constante fluxo gerativo, considerando que "(...) as coisas vazam sempre transbordando pelas superfícies que se formam temporariamente em torno delas" (Idem, p. 29).

No atual momento de reflexão sobre o campo dos artefatos os olhares dos autores já apresentados pretendem quebrar as distinções duras entre campos da objetividade e da subjetividade, oferecendo-nos a perspectiva de que as coisas devem ser percebidas como compondo uma assemblage (agenciamentos) (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 18). Considerando a proposição de uma assemblage, o humano e o não-humano não se encontram separados. As coisas estão dobradas sobre si, em um "enxame" e "nós" de vitalidades, como nos indica Ingold (2012). Esta agência, remetendo e ampliando a tão debatida perspectiva apresentada por Gell (1998), não está localizada nos objetos ou no corpo humano por si só. Em vez disso, a agência é sempre confederada, múltipla, distribuídas em assemblage.

Um livro, por exemplo, como o apresentado junto as imagens 1, é um conjunto deste tipo, uma assemblage. É uma multiplicidade, apresenta estratos, que sem dúvida, tornam-no um tipo de organismo, ou significando totalidade, ou determinações atribuíveis. O livro é um misturado de peças discretas ou peças que são capazes de produzir efeitos em quaisquer números, uma vez que é um bem organizado e coerente. A beleza de sua montagem é que, uma vez que falta-lhe organização, pode dispor em seu corpo qualquer número de elementos díspares. O livro em si pode ser uma montagem, mas seu status como uma assemblage não o impede de contendo assemblage dentro de si mesmo ou entrando em novas assemblage com os leitores, bibliotecas, fogueiras, livrarias, etc.

A concepção instrumental da assemblage (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p.22), número de coisas ou partes de coisas, linhas e velocidades entrelaçadas em um único contexto, tessitura que pode trazer um número de efeitos: sejam estéticos, produtivos, econômicos, etc., assim, para alcançar as coisas, como os ex-votos em sua potencialidade, deve-se acessar essa assemblage a partir de ângulos e linhas diversas considerando nossa incapacidade de impor fronteiras, limites e distinções. Um ex-voto pode, como temos visto, participar de uma assemblage de vitalidades, pois seu status instrumental não o esgota ou o previne de conter ou participar de outras assemblage. Portanto, os ex-votos são um cosmos.



**Figura 2.** Fluxos da paisagem devocional. @Anselmo Paes, 2012.

Ainda em contribuição a nosso diálogo, a concepção de paisagem (landscape) apresentada por Tim Ingold (2000) igualmente rejeita a divisão entre mundo “interior” (subjetividade pura) e mundo “exterior” (objetividade pura), assim: “[t]he landscape, i hold, is not a picture in the imagination, surveyed by the mind’s eye; nor however is it an alien and formless substrate awaiting the imposition of human order” (INGOLD, 2000, p.191).

Ao referir uma paisagem (landscape) esta se contrapõe, apenas para sua reconsideração à perspectiva de uma taskscape (“tarefagem”), pois se deve adotar o termo em *task* - “tarefa”, “(...) defined as any practical operation, carried out by a skilled agent in an environment, as part of his or her normal business of life. In other words, tasks are the constitutive acts of dwelling” (idem, p.195). E ainda, dando sequências ao seu argumento e reflexão:

It is to the entire ensemble of tasks, in their mutual interlocking, that I refer by the concept of taskscape. Just as the landscape is an array of related features, so – by analogy – the taskscape is an array of related activities. And as with the landscape, it is qualitative and heterogeneous: we can ask of a taskscape, as of a landscape, what it is like, but not how much of it there is. In short, the taskscape is to labour what the landscape is to land, and indeed what an ensemble of use-values is to value in general (Idem, p. 195).

Para nos aproximarmos da paisagem devocional do Círio, registro, produção ou seleção de imagens não é somente instrumentalização, mas atos de reflexão contínuos às demais formas textuais (ver imagens 01, 02, 03).

## 5. DE EXPRESSIVIDADE E EX-VOTO

Coisas são mais que coisas, nos diz Morgan (2010a). Ingold (2000, 2011) nos mostra como os invólucros são “vazados” e as coisas “incontinentes”. Deleuze & Guattari (2011) nos apresentam os fluxos incansáveis, que constituem o próprio mundo. Qualquer tentativa de isolar ou procurar um ponto de começo tende a falhar ou se demonstrar arbitrária na assemblage do mundo.

Os ex-votos são processos, uma etapa em um processo contínuo de transformações nos fluxos da matéria e materiais. Sua “biografia” (KAPYTOFF, 2011) nos revela os caminhos e fluxos da vida, mapeiam a cidade, a constroem, produzem paisagens, entrelaçam. Há múltiplas camadas de sentidos em cada uma de suas assemblage, porém, antes de tudo, os ex-votos não podem ser pensados como invólucros fechados, suas fronteiras reforçadas, pois eles são produzidos por vários fluxos e constituem novos fluxos.

A assemblage (imagem 3) de moldura e Foto e imagens de Nossa Senhora de Nazaré, o cacho de açaí com foto do devoto e animal de estimação, sua corrente e a coleira, a reprodução em isopor de casa, novamente acompanhada de foto e coleira, oferecidos a padroeira, pelo devoto Gilson Cravo - morador do distrito de Icoaraci-PA, em agradecimento pela cura de sua cadela que foi envenenada e por ter conseguido adquirir a sua casa própria, depositados no Museu do Círio após o pagamento do voto, referentes aos Círios de 1998, 1999, 2001, 2002. Traçam percurso complexo, não linear, cujos fluxos emergem e submergem e cujas expressões são multiplicadas. O adoecimento do animal de estimação, inicia um processo de contínua lembrança, celebração e pagamento de pedidos que se unem ao desejo atendido da casa própria, a procura e entrega então Museu do Círio para publicizar estas relações criadoras.



**Figura 3.** Expressividade e materialidade do sagrado. Acervo de ex-votos do Museu do Círio do Pará (SECULT-SIM). @Anselmo Paes e Antonio Vander, 2007 e 2015.<sup>2</sup>

O devoto em jornada de vários anos apresenta seus pedidos em artefatos votivos que exprimem várias das esferas da vida. O animal de estimação pôde ser alvo do milagre, não será excluído da esfera da graça divina, aliás, ele é o início de um processo contínuo de agradecimento ao qual se juntarão outras questões, desejos, obstáculos superados. Agregando e ampliando sua ação, pois a vida em fluxo requer a sacralização barroca dos dramas da vida, ricos, significativos, espetaculares.

Estes artefatos expressam a perceptível “mistura” entre o sagrado e o profano, a casa habitada pelo sobrenatural, este agora familiarizado, um esforço profundo de visibilizar o invisível e de tornar sutis e translúcidas as fronteiras da matéria antes dura e impermeável. As reproduções de casas unem o animal, a santa e a família do fiel devoto em encontro. Através das imagens, da coleira, os próprios milagrados estão presentes, tanto materialmente quanto espiritualmente. Sem dúvidas todas estas fronteiras artificiais são abolidas.

Esses fluxos criacionais apresentam o barroco do ethos católico que apresentam o emocional e a teatralidade como eixo, assim como apropriações intimistas do sagrado nas quais “(...) a presença constante do sagrado, inextrincavelmente imbricada com as comezinhas

<sup>2</sup> Em sentido da esquerda para direita e de cima para baixo: cacho de açaí envolto em fitas vermelhas com imagem de N. S. de Nazaré e foto de devoto e seu animal de estimação com texto pelas “graças alcançadas (...) ano V do seu fiel devoto”; coleira e corrente fixada em cacho de açaí de açaí, imagem de N. S. de Nazaré, fitas vermelhas e texto “agradeço a graça alcançada”; reprodução de casa em isopor, com imagens do Círio e de N. S. de Nazaré e da cadela milagrada, com texto “02 graças alcançadas”; casa em isopor com coleira e fotos de N. S. de Nazaré e fotos dos familiares do devoto; ex-foto da cadela salva, cercada de imagens de N. S. de Nazaré, tendo no interior da moldura pelos do animal, acompanhado de texto “agradeço a graça alcançada”.

mazelas cotidianas da vida humana (...)” (MONTES, 2012, p.49), esse ethos lúdico, de religião íntima e de familiaridade, abundante que invade todas as esferas da vida, nos leva a considerar o barroquismo do ethos religioso brasileiro que se exprime além do seu período histórico, assim:

(...) tradução de uma experiência de mundo marcada pela contradição que cinde, sem separar totalmente, e integra, de modo precário, duas metades indissociáveis de uma vivência ao mesmo tempo moderna e arcaica: de um lado, o sentimento moderno do poder criador do indivíduo, livre das amarras teológicas e sociais que em outras eras restringiam sua capacidade infinita de experimentação e expressão; de outro, o sentimento arcaico da sua limitação radical, em face de um mundo que, material e espiritualmente, escapa ao seu controle” (MALUF, 2001, p.1).

Daí sua expressividade, sua força comunicacional, seus processos existenciais de significação. Incluso esse barroquismo nos processos de um ethos religioso popular e devocional é, portanto contraposto, combatido, pelos projetos cartesianos de uma fé pura, imaterial e cartesiana como proposto de tempos em tempos pelo catolicismo eclesiástico (MAUÉS, 1995; MONTARROYOS, s/d.).

Os ex-votos são bons para pensar, eles falam, comunicam, acionam identidades, permitem a catarse, todos estes processos de forma contínua, em encontro. Portanto, os estudos sobre as materialidades do sagrado, suas dimensões expressivas, a cultura material que compartilha das sacralidades do mundo, não os concebem mais isolados do processo performático e denso de sua criação, não mais exclusivamente depositados ou patrimonializados, voto e ex-votos constroem um cosmos.

## **6. BREVES CONSIDERAÇÕES**

Como parte e etapa de um processo, a circulação de votos e ex-votos se dá no espaço urbano de Belém, durante as procissões e festas devotas do Círio, no qual se destaca como “principal” a procissão do segundo domingo de outubro. A grande multidão que se reúne diante da Catedral da Sé para o início da caminhada que levará a Santa e seus fiéis até a Basílica de Nazaré, agora Santuário, no bairro de Nazaré, muda o “clima” da cidade. Podemos nesta direção falar em uma “paisagem devocional” do Círio.

Quando tratamos de expressão, expressividade, consideramos que expressar não é representar, expressar é ser. O que é o ex-voto? É a dor do caminho da vida, assim como sua

felicidade, é o trajeto da loja ou banca, da casa à rua lotada, o sol da manhã e o corredor de mangueiras que alivia a caminhada, é o encontro dosromeiros e devotos, a troca de olhares e reconhecimento mútuo, a reflexão sobre a vitória alcançada, ou a esperança do pronto atendimento por parte da “milagrosa senhora”. É o encontro com o amigo ou conhecido que me vê cumprindo o ex-voto, cabeça de cera na mão, votos misturados, ex-votos colidindo, barco navegando no “rio de gente”, seguindo os fluxos, mergulhado em músicas e orações, nas confusões de um domingo sacro, em um barroquismo (MENEZES, 2008) cosmogônico, diríamos que voto e ex-voto conteriam um ethos, uma visão de mundo.

Enquanto processo, porém sem recair na fragmentação estrutural dos rituais, é na performance, na corporeidade que constitui as coisas do mundo. A performance inclui corpos, ambiente e coisas em uma assemblage, cuja imagem mais representativa deve ser a do fluxo rizomático. Muda o estatuto das coisas e constrói artefatos. Ela agencia, os artefatos agenciam, e o que é agência senão a capacidade de mobilizar sentimentos, valores, construir identidades (HOSKINS, 2013), tudo isto está presente no trajeto votivo, na biografia das coisas.

Não é possível falar de ex-voto sem falar de voto, não é possível ignorar os caminhos traçados e as marcas na cidade e da cidade, assim como de seus participantes. A jornada em torno destes artefatos, das coisas, que em meu primeiro momento de reflexão apresenta-se junto ao Museu do Círio (PAES, 2012), porém levam inevitavelmente para fora do espaço sacralizado do patrimônio museal, sem abandoná-lo, não excluindo, mas incluindo-o. Despertam memórias que incluem todas as esferas do ser. Reapresentam-se incansavelmente, tecendo novos fluxos. O mundo, os ex-votos, as coisas, pedem para serem literalmente seguidas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CASCUDO, Luís. “Promessa (verbete)”. In: **Dicionário de folclore brasileiro**. 12ª Ed. São Paulo: Global, 2012, p. 582-583.
- COELHO, Geraldo Mártires. **Uma crônica do maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto da Virgem de Nazaré**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- DAMATTA, Roberto. “Os caminhos para Deus”. In: **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 109-118.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil plátos: capitalismo e esquizofrenia 2**. V.1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- ESCARDÓ, Zenia Yébenes. “El exvoto da que pensar. Homenaje a Alfredo Vilchis”. **Jornadas de antropologia visual**. Disponível em: <http://www.antropologiavisual.com.mx/es/homenajes-y-retrospectivas/134-la-revolucion-imaginada.html?start=3>. Acesso em: 30.04.2013.
- GELL, Alfred. **Art and agency**. Oxford: Clarendon, 1998.
- HOSKINS, Janet. “Agency, biography and objects”. In: KEANE, Webb *et al.* (Ed.). **Handbook of material culture**. London: Sage, 2013, p. 74-84.
- INGOLD, Tim. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**, New York, Routledge, 2011.
- \_\_\_\_\_. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. In: **Horizontes Antropológicos**, Ano 18, N. 37, Porto Alegre, 2012, p. 25-44.
- JACQUES, Paola. “Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo”. In: VELLOSO, Monica Pimenta *et al.* (Orgs.) **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p. 129-139.
- KAPYTOFF, Igor. “The cultural biography of things: commoditization as process”. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). **The social life of things: commodities in cultural perspective**. 9ª ed. New York: Cambridge University Print, 2011, p. 64-91.
- MALUF, Marcia. “O aspecto barroco das festas populares”. **Revista Olhar**. Ano 03. N 5-6. Jan-Dez/2001, p. 1-6. Disponível em: [http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/maluf\\_corrigido.pdf](http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/maluf_corrigido.pdf). Acesso em 12.01.2015.

- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: Cejup, 1995.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 185- 314.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. “O Barroco como cosmovisão matricial do ethos cultural brasileiro”. **Revista de Ciências Sociais**, Volume 39, Número 1, 2008, p. 50-77.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOREIRA, Eidorfe. **Visão geo-social do Círio.** Belém: Imprensa Universitária, 1971.
- MONTARROYOS, Heraldo. **Festas profanas e alegrias ruidosas (A imprensa no Círio).** Belém: Falângola Editora, s/d.
- MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém.** 6ª Ed. Belém: Cosmos Editora, 2012.
- MONTES, Maria Lucia. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- MORGAN, David. “Introduction: the matter of belief”. In: \_\_\_\_ (Ed.). **Religion and material culture. The matter of belief.** New York: Routledge, 2010a, p. 1-17.
- \_\_\_\_. “Materiality, social analysis, and the study of religions”. In: \_\_\_\_ (Ed.). **Religion and material culture. The matter of belief.** New York: Routledge, 2010b, p. 55-74.
- OLIVEIRA, Anderson José de. “Corpo e santidade na América Portuguesa”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 45-68.
- OLIVEIRA, José Cláudio. “Semiologia dos ex-votos na Bahia: arte, simbolismo e comunicação religiosa”. **Revista internacional de folkcomunicação**, V. 5, N. 9, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=560&path%5B%5D=395>. Acesso em: 30.05.2013.
- PAES, Anselmo. \_\_\_\_\_. “O Museu do Círio como ponto de encontro”. In: BRITTO, Rosângela *et al.* **Miriti das Águas: pesquisa etnográfica, estudo da coleção do Museu do Círio, exposição museológica.** Belém: SECULT-PA, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Tecendo os fluxos da matéria: ex-votos no Círio de Nazaré em Belém do Pará”. **Illuminuras** (Porto Alegre), n. 34, ago./dez., 2013, p. 155-173.

**PROJETO EX-VOTOS DO BRASIL.** Disponível em: <http://projetoexvotosdobrasil.wordpress.com>. Acesso em: 28.02.2014.

SARÉ, Larissa L. P., **A serpente no asfalto. Estudo compreensivo do espetáculo da corda dos promesseiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará.** Salvador: Tese de Doutorado em Artes Cênicas, UFBA, 2005.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

SILVEIRA, Flavio Leonel Abreu da. "A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar". In: \_\_\_\_\_ & CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). **Paisagem e cultura. Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade.** Belém: EDUFPA, 2009, p. 71-83.